



CFF: luta agora é pelos genéricos na Argentina

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

Os farmacêuticos argentinos estão implantando a sua política de medicamentos genéricos. Eles já a instalaram na Província de Buenos Aires e outras províncias já manifestaram o desejo de fazer o mesmo. Este é um momento histórico para o fortalecimento da saúde, na América do Sul, vez que essa política vem ajudar a resolver um dos problemas mais críticos do setor, que é a dificuldade de acesso da população ao medicamento, devido aos seus preços elevados e à dificuldade do Estado de prover o cidadão com esse item. Mas a instituição dos genéricos no País vizinho representa ainda um passo importante para fortalecer o Mercosul, em que pese o aspecto da valorização da saúde.

Para nós, além de todos esses ângulos citados, a política de genéricos adotada pelos nossos parceiros do Mercosul reserva uma satisfação especial: a de termos sido procurados por eles para que os ajudássemos, transferindo-lhes os nossos conhecimentos e experiências sobre genéricos, neste momento de implantação da política, em seu País. Farmacêuticos e autoridades argentinos estiveram na sede do Conselho Federal de Farmácia, em Brasília, para absorver os nossos conhecimentos. Recentemente, os farmacêuticos daquele País, com total apoio nosso (do CFF), realizaram o seu 1º Congresso de Medicamentos Genéricos. Realmente, um instante profundo.

Os farmacêuticos da Argentina estão lutando para que o seu governo federal adote os genéricos enquanto política nacional, beneficiando a população do País inteiro. E eles sabem que têm no Conselho Federal de Farmácia um grande aliado de primeira hora.

As políticas de medicamentos genéricos melhoraram significativamente a qualidade de vida das populações dos países que as adotaram, no mundo inteiro. Devido ao seu preço mais barato, os genéricos facilitaram o acesso do usuário ao produto, gerando uma nova perspectiva aos cidadãos naquilo que eles

têm de mais sagrado: o direito à saúde. Antes, esbarravam numa questão humilhante: como pensar em manutenção da saúde e na cura, sem o acesso ao medicamento?

Mas os genéricos não vieram melhorar apenas a qualidade de vida dos povos, embora este seja o seu objetivo maior. No caso do Brasil, numa visão mais ampla, esta classe de medicamentos acabou por redimensionar o setor farmacêutico, à medida em que intensificou a competição industrial. Esse fato resultou no fortalecimento de empresas nacionais (as sediadas em Anápolis - GO são um exemplo) e atraiu ao País os maiores produtores internacionais de genéricos.

Hoje, a produção é significativa. São 684 medicamentos registrados e 487 comercializados. Atualmente, os genéricos já atendem a 50 classes terapêuticas, incluindo doenças crônicas, como gota, diabetes, hipertensão, colesterol alto e problemas cardíacos. Há, ainda, outros 358 medicamentos, na fila, aguardando análise dos técnicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para obter o registro de genérico. Alguns exemplos de novas classes terapêuticas que estão na lista de espera são o descongestionante nasal, imunomodulador (para rejeição de transplante) e anti-séptico bucal. Esses números são uma prova da pujança desse segmento.

Mais que isso, a política de genéricos implantada pela Lei 9787/99 lançou novas luzes à Farmácia, ao determinar que a intercambialidade ou substituição de um medicamento de marca por um genérico somente pode ser praticada pelo farmacêutico, numa operação tão especial que requer do profissional a sua assinatura na receita médica, onde também ele terá que carimbar o seu número de registro junto ao Conselho Regional de Farmácia.

O rigor faz sentido. Substituir um medicamento por outro requer conhecimentos técnicos e científicos que somente o farmacêutico possui. E mais: a substituição tem que vir cercada de cuidados e orientações, como as reações indesejáveis e as interações entre um medicamento e outro, entre um medicamento e um alimento etc., coisa que o

leigo desconhece. Isso se chama atenção farmacêutica.

Os genéricos ainda suscitaram na sociedade o sentimento de responsabilidade e zelo à política que os criou. A população está identificando o genérico como mais barato e de boa qualidade e está adquirindo a consciência de que deve solicitar ao médico que prescreva genéricos. Também, começa a entender que somente deve adquirir o medicamento em farmácias onde esteja presente o farmacêutico.

Esses medicamentos ainda geraram a abertura, em universidades e centros de pesquisa, de laboratórios de bioequivalência. Isso é mais tecnologia, mais conhecimento, mais pesquisa e mais geração de empregos. Noutras palavras, o genéricos mexeram com todo o setor, trazendo benefícios a todos. Importa salientar que cresce, na sociedade, a consciência de que a orientação prestada pelo farmacêutico é um direito seu, garantido por lei. Isso é cidadania.

O processo de implantação de nossa política de genéricos não foi fácil. A pressão contrária desencadeada pela indústria que lidava com produtos de marca foi grande. Por vezes, achou-se que os genéricos não iriam emplacar. O CFF foi importante para o sucesso desta política, pois, durante a sua elaboração e mesmo nos momentos mais difíceis de sua execução, o órgão esteve presente, em todo o País, convencendo autoridades, farmacêuticos e a sociedade a lutarem em favor do seu sucesso.

Ainda há pontos críticos e dificuldades nos genéricos. Há médicos do setor privado que resistem à idéia de prescrever esses medicamentos e há farmácias que não mantêm o farmacêutico presente, privando o usuário do medicamento dos benefícios dos genéricos. O pior: essas farmácias deixam nas mãos de leigos a (des)orientação sobre o produto. É muito grave.

O Conselho Federal sai fortalecido deste processo de implantação dos genéricos, pela sua luta. Sai também referendado como uma entidade que detém altos conhecimentos sobre o assunto. Não foi por outro motivo que fomos procurados pelos argentinos.